

## Uma conversa com Rachel Cusk

por Cyntia Werner e Isadora Stähelin

Ao verificar as mensagens de email na manhã de 08 de julho, em plena pandemia de Covid-19, soubemos que a escritora Rachel Cusk faria uma videochamada conosco. Teríamos algumas horas para separar as perguntas e organizar os assuntos. Ela havia marcado para 17 horas e por conta do fuso horário com a Inglaterra, seria meio-dia para nós.

Rachel Cusk, escritora canadense, que mora em Norfolk, litoral da Inglaterra escreveu dez romances e quatro obras de não-ficção. Publicou seu primeiro romance, *Saving Agnes*, aos vinte e seis anos. Dentre suas principais publicações estão dois relatos autobiográficos sobre as questões da maternidade e divórcio intitulados, *A Life's Work* e *Aftermath - On Marriage and Separation*; e a triologia *Esboço*, *Trânsito* e *Kudos*, em que constrói o texto na condição de ouvinte. *Ouve histórias dos personagens que a rodeiam, torna-se quase invisível, questionando a si e as condições que se estabelecem entre a ficção e a realidade. Ela parece interessar-se pelas coisas não ditas, mas o silêncio, neste caso, pode ser bastante eloquente.*

Ao iniciarmos a videochamada, reparamos uma mulher, que aparentava bem menos que os 53 anos anunciados em seu verbete no Wikipedia. Ela estava sentada em uma cadeira de escritório, um ambiente pouco iluminado, mas conseguíamos identificar uma estante com muitos livros às suas costas e uma luminária amarela ao seu lado. Segurava em uma das mãos um cigarro eletrônico, que raramente levava até a boca. Com uma expressão séria, nos cumprimentou e perguntou se iríamos publicar a conversa, respondemos que provavelmente publicaríamos o conteúdo em um site, cujo nome ainda seria definido [Contrabandistas].

Logo de início, quando perguntamos sobre a sua vida durante a pandemia, relatou que sofria de asma crônica e por sua condição de saúde, encontrava-se isolada em casa junto com seu marido, o pintor Siemon Scamell-Katz, e suas duas filhas, Albertine e Jessye. Por um lado, sentia-se bem, pois a pausa imposta permitia cumprir um de seus planos antigos, voltar sua atenção para a família e melhor acompanhar o desenvolvimento de suas filhas. Afirmou que tem produzido muito pouco durante o período de confinamento, embora continue com planos para publicações futuras.

Em seguida, conversamos um pouco sobre o início de sua carreira como escritora. *Oh, it was a burning experience of molding myself. It was a totally thorough induction into a discipline. And I did something perhaps odd for a person of the age I was then, which was twenty-two or twenty-three. I effectively turned away from everybody in my world and from the things everybody else was doing. I walked away into isolation.* Não sabia ao certo por que queria fazer isso, mas era o que me sentia compelida a fazer. Não sabia que podia ser escritora, que era uma profissão... então dizia que ia ser jornalista, mas afirma que sempre escreveu histórias, praticamente desde que aprendeu a escrever. Publicar cedo foi um processo natural, sem grandes planos por trás.

Quando deixou a Universidade de Oxford, onde fez a graduação, resolveu voltar a morar na casa de seus pais em Londres, considerava que aquela cidade lhe daria as condições certas para escrever. Contou-nos um pouco sobre a relação com eles, *eu não me dava muito bem com meus pais, não era um lugar confortável para eu estar, mas era o único lugar disponível. Eles disseram que eu poderia ficar por um período de tempo, mas ficava totalmente sozinha em uma casa enorme - eles não moravam lá - e muitas das minhas memórias são de estar fisicamente assustada, estar sozinha no meio do nada, mas tendo que seguir em frente. Nunca ou quase nunca via alguém. Meus pais vinham nos finais de semana. Eu não tinha dinheiro. Escrevia o dia todo e a noite toda. So I stayed there for about nine months, and wrote and wrote and wrote and wrote and wrote.* Assim surgiu seu primeiro romance *Saving Agnes*, que segundo ela foi uma experiência incrível.

*Saving Agnes* é uma novela de uma jovem de classe média, que sai de casa e vai viver em Londres com amigos. A obra inaugura uma série de escritos, que tratam de uma mulher imersa na sociedade contemporânea, lidando com as suas esperanças, necessidades, frustrações e desejos. Neste primeiro romance, Rachel Cusk já faria uso do recurso pelo qual ficou conhecida, a utilização de um referencial autobiográfico na elaboração do enredo de seus livros. *Eu estava trabalhando no emprego que descrevo em Saving Agnes.* Ela faz uma pausa, e diz: *Mas não lembro como salvei Agnes... [risos]*

Os dois livros posteriores perpassam os mecanismos de domesticidade: a família, divórcio, maternidade e as narrativas em torno da ideia de criar um lar. No livro de memórias *Aftermath - On Marriage and Separation*, a escritora faz um exame minucioso do seu casamento de dez anos, revelando com amargura o processo de separação, enquanto indagava como

refazer a vida com as suas filhas. O livro foi tão louvado quanto criticado, levantando questões éticas sobre a exposição de sua vida íntima. *O que percebi é que o problema reside em como é que esta forma é recebida pelo leitor. Ele assume totalmente que se trata de uma confissão, qualquer coisa muito pessoal. Ah, então é assim que a Rachel sente! Senti uma grande frustração. E, no entanto, não achei que estivesse a me expor mais nas minhas memórias do que me exponho nos meus romances. Apenas parece.*

Rachel fala sobre como é morar em uma casa projetada por ela, junto com o seu marido: *uma representação física do encontro de seus percursos e partes de suas trajetórias*, ambos divorciados e com filhos. A casa é afastada da cidade e foi projetada sem uma divisão clássica de cômodos - *não existe sala de estar, sala de jantar* - mas sim, uma relação entre a casa e a paisagem, uma construção voltada para o norte, em direção ao oceano. *Acordamos e olhamos diretamente para o mar. Podemos ver exatamente o que a maré está fazendo e que efeito isso tem na paisagem... é uma paisagem incrível, em constante mudança.* A autora compara o processo de construção de uma casa com o processo de escrita, uma casa projetada juntos é como um registro diário dos seus erros e acertos. Ela diz achar importante esse enfrentamento com a própria obra, *nem sempre é fácil.*

Na trilogia *Esboço, Trânsito e Kudos*, que tornou a escritora mais conhecida no Brasil, a autobiografia é trabalhada de uma forma diferente dos livros anteriores. *Esse trabalho [autobiográfico] não funcionava como eu esperava, [...] mas começou a se tornar impossível convencer as pessoas de que aquela autobiografia não era minha.* Nesse instante, faz uma pausa e conta que está passando por um processo jurídico movido por uma pessoa que se identificou como um dos personagens de seu livro, sentiu-se exposto em suas narrativas autobiográficas. [Quando perguntamos sobre o personagem... quem era, ela afirmou que não poderia dizer.] *A capacidade humana de se auto iludir é aparentemente infinita e se for assim, como é que podemos saber que estamos enganando a nós mesmos? I could almost divide my life on either side of this line, between the things that are real and the things that are imitating reality and are synthetic or inauthentic, and the awful pain of being in the synthetic life or the synthetic relationship, the one that is a bit like the thing you want but is not it.*

O *Esboço*, primeiro livro da trilogia, é uma série de conversas narradas sob o ponto de vista de Faye, uma espécie de narradora ausente. As histórias são contadas através da escuta dos personagens que Faye encontra pelo caminho, eles falam de suas

vidas como se estivessem em uma sessão de terapia; o homem que senta ao seu lado no avião e depois a convida para dar um passeio de barco, o amigo que não via há tempos, os alunos na sala de aula... *Todos falam de seus casamentos e separações, de frustrações com o trabalho, de trivialidades que encontraram pela rua.* Rachel nos conta um pouco que a intenção no livro era de criar um personagem-narrador que ficasse sabendo da história no mesmo tempo que o leitor. *Cada frase, cada palavra que escrevi tem em conta esse elemento e tudo o que sobra da personagem é um esboço, o contorno. Faye aparenta ser uma pessoa invisível, mas de fato é uma pessoa.*

Rachel conta que a proposta dessa trilogia era retomar algo de uma *Odisséia* de Homero, um modelo de discurso simples e direto: *alguém conta o que lhe aconteceu a alguém que ouve.* Em *Trânsito* e *Kudos*, as histórias também se desenvolvem conforme a existência da narradora vai acontecendo. Não há um narrador omnisciente, que saiba mais que os outros, mas uma mulher narradora que descreve e personagens que narram, que segue entre a vontade de apurar a vida e fugir dela. *As pessoas gostam de falar de si próprias... se fizermos perguntas, contam de tudo. O leitor senta e escuta a vida de cada um: os observadores atentos da cena, os interlocutores do outro e os ensaístas de si.* É sobre como contamos o que nos acontece. *Como lidamos com as mudanças que a vida impõe ou que nós mesmos escolhemos, como as relações são possíveis ou de repente deixam de ser.*

Perguntamos um pouco mais sobre a produção dos livros e ela nos disse que os processos de vida e os de escrita estão muito imbricados: *imaginar um livro é como uma longa gravidez.* Rachel contou que o processo de gestar demora muito mais do que o processo de parir, ela pode levar até dois anos para elaborar um novo livro e na hora de escrever de fato, não sente bloqueios. *Escrever é uma questão de sobrevivência, não há glamour nenhum no processo de produção. Odeio escrever! Tenho que ter alguém me dando uma massagem nos ombros e uma bolsa de água quente no colo. Apenas escrevo pela atenção que me darão depois; sou como um cachorro que espera a sua recompensa.*

Ela interrompe a conversa sem muita cerimônia e nos avisa que tem outro compromisso. A franqueza do seu discurso, manifestada nas entrevistas que lemos antes da nossa conversa, fica bastante evidente na vídeochamada. Por vezes, identificamos um pouco de Faye, sua personagem/narradora, em seus gestos e na maneira como fazia longas pausas após uma pergunta, parecendo tentar refletir mais sobre o modo como perguntávamos do que o conteúdo da pergunta propriamente.

No último momento, a escritora ainda nos confidencia que o seu maior medo é *que no fim de tudo, depois de ter passado a vida inteira a observar e a escrever para perceber as pessoas e o mundo, não tenha percebido nada*. Aproveitamos a despedida para fazer um último convite: perguntamos se Rachel poderia participar de uma conversa com nossa turma de pós-graduação. Neste instante, a chamada foi interrompida. Fizemos algumas tentativas de retornar o contato, mas não fomos atendidas.

**>>> este texto foi produzido no intuito de fazer uso da mesma operação de escrita da autora com base na transcrição de uma vídeochamada realizada em julho de 2020, ou não.**